

"MODAS E MODOS": A REVISTA "MARIA" E A NORMATIZAÇÃO DOS MODOS NA MODA

Jarmeson Melquiades Soares
(Graduando em História – UNICAP)
jarmesonmelquiades@gmail.com
Prof. Me. Walter Valdevino do Amaral
(Docente do Curso de História – UNICAP)
walterdoc@gmail.com

Introdução

Nesse estudo, iremos analisar o comportamento das sócias da Pia União das Filhas de Maria, pois acreditamos que, a observação do comportamento de suas associadas é de suma importância para os estudos de gênero, que como categoria analítica se preocupa em compreender de que forma se processam as relações sociais que permeiam o cotidiano das jovens, as quais se destacavam na propagação de ideais conservadores ditados pela Igreja Católica na primeira metade do século XX, na cidade do Recife. As jovens tinham seus corpos normatizados por uma série de regras comportamentais, que tinham como principal finalidade conduzir as mulheres a uma vida de abnegação desse mundo e das coisas materiais, direcionando-as a um padrão de conduta baseado na doutrina mariana; a partir disso a instituição passou a apregoar uma abnegação aos movimentos da modernidade, responsáveis pela desvirtuação do comportamento cristão, citando como exemplos práticos o cinema, a música e a moda, que será o ponto a ser analisado, crucialmente observado pelo catolicismo como um objeto preocupante, que trazia consigo uma carga de desmoralização dos costumes moralmente aceitos. O artigo "Modas e modos", publicado na revista "Maria", foi analisado para expor como se processou a construção da identidade das filiadas. Para analisar está

temática, adotamos como referencial teórico o conceito de *habitus*, proposto por Pierre Bourdieu; e o conceito de *disciplina*, apresentado por Michel Foucault.

O Concílio de Trento e as determinações para a criação das Congregações Marianas

Com o Concílio de Trento ocorrido entre 1545 e 1563, uma das finalidades da reunião foi neutralizar a ação dos hereges que surgiam naquele momento, que poderiam corromper a fé cristã, com isto, a Igreja pretendia expor e intensificar a propagação dos ensinamentos da Doutrina Cristã. O desafio que seguiu foi o de trazer para vida cotidiana dos/as fiéis todas as decisões do Concílio, que dentre as principais mudanças propostas estavam o ato de se confessar regularmente, comungar rotineiramente e venerar a Cristo na Eucaristia. Os jesuítas, uma das ordens mais antigas, vinculadas a religião Católica, a partir de sua vocação missionária, encarou o problema apresentado, seguindo um plano de ação que resultou na propagação das mudanças indicadas pelas lideranças eclesiásticas. Nos colégios e centros apostólicos, os jesuítas passaram a criar algumas associações voltadas para o sexo masculino, sob a égide da Virgem Maria, para promover e ensinar as mudanças empreendidas no Concílio de Trento. Logo essas associações se espalhariam por quase toda Europa, desde meados do século XV e XVI, as quais passaram a ganhar notoriedade, possibilitando que tais grupos religiosos extrapolassem os muros das escolas e chegassem, cada vez mais, a um número maior de pessoas, atingindo assim, as pretensões da instituição religiosa em alcançar não somente os estudantes (que era o foco da doutrina), mas seus espaços de socialização e seus círculos familiares, com a intenção de confirmar a doutrina e instruí-los na fé católica.

No Brasil, as Congregações Marianas surgiram a partir do século XVI, tendo a Virgem Maria como a imagem que fomentaria a piedade entre os índios, que até então só haviam encontrado hostilidade por parte dos colonizadores. A primeira congregação reconhecida como entidade canônica, pela ordem religiosa, situava-se na Bahia, sendo reconhecida em 1586 e finalmente inaugurada em 1588. Outras províncias também seguiram o mesmo caminho como: Rio de Janeiro e Pernambuco, que só iriam apresentar um fervor mais acentuado no século seguinte. Foi nesse contexto que surgiram as Congregações Marianas, voltadas para o sexo feminino, com o nome de Pia União das Filhas de Maria, que se originou das Filhas de Maria Imaculada. A sua finalidade era de gerar uma devoção maior em Deus e na Santíssima Virgem, além de promover a proteção da inocência das jovens que se associavam a ela, guardando-as dos maus costumes do século vigente e direcionando-as a uma vida regrada com Deus, com o próximo e consigo mesmas. Dessa maneira, os eclesiásticos pretendiam introduzir no

imaginário das jovens a ideia de uma virtude cristã sólida sob os olhares da Imaculada Rainha do Céu (Cf.: MAIA, 1992).

Diante de um mundo repleto de violências e refém de uma religião do medo, surge a necessidade de um personagem que possa representar a figura da misericórdia no mundo, esse personagem foi Maria, figura doce e materna encarnada como núcleo do amor para os seguidores da religião católica. A concentração "mariológica" do povo brasileiro está centrada na figura dessa mulher, com a capacidade de interseção, não sendo tão exagerado afirmar que Maria é o ponto de ligação entre o céu e terra, segundo a visão de alguns líderes religiosos, pois sem ela seria impossível haver um evangelho com essência, tornando-o descaracterizado, desfigurado e portador, apenas de uma ideologia e um racionalismo espiritual (Cf.: CIPOLINI, 2010).

Nas primeiras décadas do século XX, as mulheres da sociedade recifense, desempenharam um papel fundamental na propagação e conservação das normas e regras religiosas oriundas da instituição cristã. Dentro desse contexto destacamos a Pia União das Filhas de Maria, uma associação religiosa voltada para as jovens solteiras da época, com o intuito de fomentar uma educação baseada na espiritualidade mariana, desenvolvendo assim, características nessas jovens que lhes permitissem serem consideradas boas filhas, esposas e mães segundo a doutrina cristã.

Essas mulheres ganharam destaque na propagação das ideias e ensinos eclesiásticos, pois tiveram um papel importante dentro do projeto doutrinador da religião, que conclamava uma maior participação das associações femininas para atuarem de forma efetiva dentro de seus grupos familiares e no entorno de suas relações sociais. A revista "Maria" foi um exemplo claro desse movimento de propagação, a qual tinha a função de normatizar o comportamento social e religioso das jovens que faziam parte desse grupo.

Quando falamos dessas publicações que existiram na época, percebemos que as mesmas foram utilizadas como instrumentos da Igreja Católica, para produzir a ideia de normatização, nas mulheres. Nesse sentido, cabe a avaliação do termo normatização como uma tentativa de adequar os indivíduos de certo gênero, e no caso do nosso estudo, o gênero feminino, a um modo de viver e se comportar pensado pelas elites civis da sociedade e pelos líderes eclesiásticos, gênero masculino, na finalidade de atingir todas as camadas da sociedade.

Nessa análise, utilizamos o conceito de *habitus* proposto pelo sociólogo Pierre Bourdieu, como aporte teórico que contribui para determinarmos o comportamento, as visões de mundo e os sistemas de classificação das realidades de cada sujeito envolvido, como um processo gerado a partir da construção de um *habitus* (Cf.: BOURDIER, 2004, p. 158). Pierre

Bourdieu descreve a ideia de que o *habitus,* denota um sistema de disposições que duram e se tornam transferíveis, funcionando como um sistema gerador e organizador de práticas e de representações, geralmente associado a uma classe e condições especificas. Dessa maneira, podemos perceber que a Pia União das Filhas de Maria está alinhada com uma camada especifica da sociedade, a qual retrata um nível social mais elevado e que detém a capacidade de influenciar e normatizar outros setores da sociedade, propagando suas ideias a partir de um grupo específico (Cf.: THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33).

Como exemplo prático, podemos citar o que Bourdieu afirmou:

> [...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1994, p. 65).

No que se referente as ideias de Michel Foucault, acerca da "normalização" como resultado do conceito de disciplina, consistem em colocar um modelo naquilo que está fora dos padrões, deste modelo. Ainda, segundo Michel Foucault, ela seria uma ferramenta eficaz, que se constrói a partir de uma busca por resultados específicos, dessa maneira a normalização, busca nas pessoas, nos seus gestos e nos seus comportamentos um modelo que possa controlar esses mecanismos (Cf.: SOUZA, 2014, p. 148-149). Portanto, a normalidade está condicionada a aceitação das normas como forma de disciplina, dessa maneira a norma é o objeto de disciplinar que encontramos nas páginas da revista "Maria".

A disciplina como forma de normalizar o comportamento, segundo afirma Michel Foucault:

> [...] consiste em primeiro lugar em colocar um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tomar as pessoas, os gestos, os atos conformes a esses modelos, sendo normal precisamente que é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal ou o anormal, é a norma (FOUCAULT, 2008, p. 75).

A revista "Maria", mulheres atuando na imprensa

A partir de 1911, as associadas da Pia União das Filhas de Maria começaram efetivamente sua atuação no meio jornalístico, destacando-se o importante papel do gênero feminino, na conquista por um lugar majoritariamente dominado pelo gênero masculino, na imprensa recifense. Nessa época existia um importante periódico católico, chamado "A Tribuna", que teve as Filhas de Maria fortes aliadas, para conseguir angariar um expressivo

número de assinaturas para este jornal, através de uma campanha de propagação feita pelas jovens associadas.

Foi a partir desse esforço que, em 1913, foi publicado o periódico Maria – Revista Mensal Literária, Apologética e Noticiosa, sob a responsabilidade das Filhas de Maria, com o intuito de manter a relação das jovens associadas com a devoção à Virgem Maria. Esse periódico, assim como todos os outros que estavam sob a responsabilidade da Igreja Católica, a sua supervisão e edição ficou a cargo de líderes eclesiásticos, a maioria deles compartilhados com o jornal "A Tribuna" (Cf.: AMARAL, 2010).

Modos e modas, regras para se vestir decentemente

Para o catolicismo o verdadeiro mal estava na cultura moderna, que se desenvolvia nas primeiras décadas do século XX, as Filhas de Maria deveriam ser um exemplo a ser seguido por outras jovens, não permitindo que seu comportamento fosse maculado com as novidades culturais da modernidade, nessa lista estavam as danças, o cinema e o vestuário; nesse sentido, alguns artigos foram publicados na revista "Maria" com o intuito de mostrar que a adesão a essas culturas seriam responsáveis por distorcer a família e a sociedade, além de ser a representação de um comportamento imoral. O artigo intitulado "Modas e modos", que está publicado na edição de número 5 e 6, equivalentes aos meses em que foi publicado, nesse caso, os meses de maio e junho, do periódico, a sua autoria é desconhecida, sendo identificado apenas pela marcação "X.X.X.", fica clara a republicação do artigo a partir de outra fonte, pois o mesmo está identificado como publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1929.

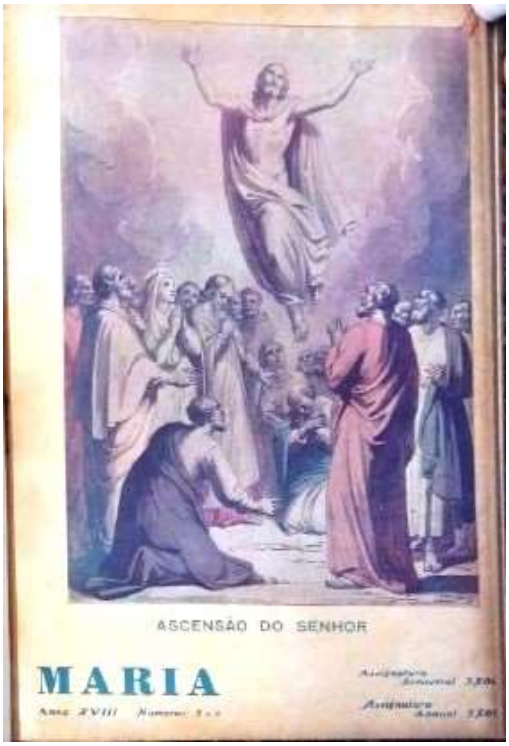


Figura 1: Capa da revista Maria
FONTE: Maria: Revista das Congregações Marianas. Recife, ano 18, n. 5-6, maio 1930.

A imagem acima corresponde a capa da edição em que está publicado o artigo, que é o nosso objeto da análise, em que observamos a tentativa de normatizar e controlar o comportamento das jovens que seguiam a doutrina católica e mariana. A revista retrata a preocupação da Igreja Católica com a desmoralização que a moda poderia proporcionar as sócias da Pia União Filhas de Maria e da imperiosa necessidade de reagir contra tudo o que passasse dos limites da decência, além disso, a moça associada deveria manter o equilíbrio e ser discreta, acompanhando a moda à distância, a Igreja, na tentativa de atrair mais jovens para os caminhos da moralidade e da conduta mariana, queria fugir de uma imagem excêntrica que tornaria a conduta da jovem associada ridícula.

> O perigo que a desmoralização das modas hoje apresenta é tal, que a nós, Filhas de Maria, cabe como um imperioso dever, mover uma reação contra tudo que passar dos limites da decência.
> Seguirmos a moda discretamente, acompanhando-a à distância é até recomendável, pois não seria aconselhável que fugíssemos completamente à moda, numa excentricidade que nos tornaria ridículas, e tiraria às outras moças o desejo de serem Filhas de Maria, receiando a obrigação de vestir mal (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 134).

No receio de afastar as jovens do caminho aceitável pelos preceitos católicos, que passam pela observância da moral e da decência, os artigos publicados em “Maria”, estavam

cheios de conselhos e recomendações, utilizando-se da devoção mariana e da crítica à modernidade. Seguir a moda com afinco significava uma atitude imperdoável para as representantes do gênero feminino, que segundo o artigo deveriam ser "o modelo de seu sexo" (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 134), além do mais para o/a escritor/ra do texto, seguir a moda não era digno das moças que seguiam a religião católica, preparadas para serem futuras mães de família, o discurso pregava a necessidade da jovem se auto determinar superior ao comportamento mundano, analisando e observando o que vestir.

Utilizando os termos próprios da revista, essa recomendação pode ser vista no fragmento a seguir:

> O extremo oposto, que seria uma obediência à moda sem restrição, para não discordar da opinião mundana, é imperdoável naquelas que têm a obrigação de ser o modelo de seu sexo. Ficarmos no meio termo, entre dois extremos, o que é nosso dever, eis a dificuldade, mas também eis o que será a perfeição no caso.
> Seguir cegamente a moda, exagerando-a como uma verdadeira caricatura, não é digno de moças catholicas, futuras mães de família, que devem mostrar sua superioridade, sabendo discernir sobre o que lhes fica bem ou mal, e escolhendo inteligentemente o que lhes convem (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 134).

As recomendações seguem de maneira bastante efusiva, a Igreja Católica utilizava os artifícios da devoção mariana como instrumento de normatização do comportamento socialmente aceitável, pertencer a um grupo social especifico facilitava a identificação e a determinação desse comportamento, ao evocar a identificação das jovens como Filhas de Maria, criava-se uma identidade de gênero atrelada à devoção:

> Não nos esqueçamos que somos Filhas de Maria, e que como tal, temos a estricta obrigação de proceder, diversamente dessas levianazinhas insensatas para quem o momento actual é tudo, e para quem os detalhes de vestuário, e a obediência `evolução dos costumes, é assumpto de summa importância. Para nós, tudo é diferente não só porque pretendemos e prometemos imitar Nossa Senhora, como porque a nós Deus pedirá contas muito mais severas (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 134).

Havia também a recomendação para não jugar o comportamento das mulheres que se comportassem de forma indevida, de acordo com os preceitos católicos e marianos, todavia no decorrer do artigo podemos observar a deliberação de um juízo de valor, acerca do comportamento das mocas que seguiam à moda ou qualquer outro tipo de comportamento reprovável:

> Bem sei que, às vezes, numa bonequinha fútil, vestida pelo ultimo figurino, se encontra uma grande alma que só Deus conhece, e não é licito aos catholicos julgar apenas pelo exterior, o que não seria caridoso. Mas é também certo que o mundo julga

> pelas aparências, e nós, para darmos bom exemplo, não nos devemos contentar cm sermos serias e rectas, mas temos que assim também parecer, pelo nosso vestuário, atitude e procedimentos (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 134).

Para manter a boa reputação das jovens, o artigo trazia à tona o comportamento como um desafio a ser posto em prática, a evolução dos costumes é abordada como uma necessidade que deveria ser observada para não pôr em risco a educação que deveria ser repassada conseguimos observar que as recomendações acerca do comportamento, por mais que formatassem a postura do gênero feminino, deveriam estar em conformidade com o progresso, dessa forma destacamos:

> A evolução dos costumes e as necessidades da vida actual nos obrigam a uma educação muito diferente da do tempo das nossas mães, é certo; mas com a devida medida e meio termo, sempre aconselháveis nesses casos, poderemos acompanhar perfeitamente o progresso e a intensidade da vida de hoje, mantendo-nos dentro dos limites da moral, das distincção e da boa educação (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 135).

Seguindo no desafio de manter o equilíbrio entre o comportamento a ser seguido e o combate à modernidade, através da crítica a moda, observamos um conselho bastante interessante no artigo analisado:

> Não sejamos agressivas ao censurar o relaxamento da educação moderna, nem ostensivamente hostis a tudo que é evolução, mas também não nos alistemos cegamente nas fileiras do modernismo, adoptando tudo o que é moda, até mesmo a falta de respeito à instituição da família, o que hoje é comum. Mais uma vez fiquemos no meio termo, escolhendo o que de bom houver nas ideias modernistas, mas collocando-nos inflexivelmente dentro da linha de conducta que convem aos catholicos. Defendamos o nosso título de Filhas de Maria, pregando a moral pelo exemplo, dado delicadamente, sem aspereza e com doçura. Não nos esqueçamos que somos frágeis e também susceptíveis de erro, de que só nos preserva a graça de Deus, mas por isso mesmo, lamentemos quem não tem nossa riqueza de caráter, e procuremos conduzi-los ao bem e à moderação de costumes (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 135).

Ao analisar o discurso proferido nesse artigo, podemos perceber de forma clara a determinação de um comportamento, que ao ser difundido acabou tornando-se uma verdade inerente ao grupo composto pelas jovens da associação, a Pia União das Filhas de Maria. O uso do gênero feminino como ferramenta de propagação das ideias que permeiam o comportamento socialmente aceitável surtia o efeito desejável, já que havia a necessidade de evocar a vocação das jovens para que elas se tornassem exemplo para outras moças que estivessem fora do padrão de comportamento e conduta inerente aos preceitos marianos. As moças deveriam ser doces, não apresentar um procedimento rude nem áspero, e estar ciente de sua imperfeição, mas,

cientes de que nem todos apresentavam a pureza de caráter que uma jovem Filha de Maria deveria ter.

Por fim, os divertimentos que a modernidade trazia deveriam ser tratados como algo secundário, a recomendação final trazia uma reflexão sobre como a modernidade e suas prerrogativas, o grande embate do movimento Católico estava na conscientização das jovens sobre o comportamento que elas deveriam ter frente as facilidades daquele período, dessa maneira podemos ver de forma destacada nesse fragmento:

> Usemos as modas, os enfeites e os divertimentos como cousas secundarias e não como única preocupação e único fim. Nos catholicas e além de tudo, Filhas de Maria Immaculada, devemos ter sempre em mente que o momento presente não é tudo para nós, e que a vida é apenas uma passagem, que devemos transformar, não numa ponte para o inferno, mas sim numa escada para o céo (MODAS e modos, in: MARIA, 1930, p. 135).

A propagação das ideias de uma vida correta e longe das corrupções mundanas, passava pela necessidade de flexibilização do pensamento religioso, as moças eram chamadas para viver uma vida de abnegação dos prazeres materiais, porém sempre mantendo o equilíbrio entre os preceitos religiosos e a vida cotidiana, vale salientar que as jovens da Pia União das Filhas de Maria eram de uma classe mais abastada, suscetível aos movimentos modernos que a Igreja Católica tanto combatia, era necessária uma doutrinação efusiva para dominar e normatizar os corpos da parcela composta pelo gênero feminino, esse movimento de gênero foi muito importante para a disseminação e aceitação do comportamento regulado pelos princípios religiosos, pois o catolicismo tinha como principal objetivo disseminar suas ideias através daquelas que eram filhas e seriam futuras mães, donas de casas e atuantes, mesmo que de forma mais passiva dentro da sociedade.

Considerações finais

A modernidade e o catolicismo vivenciados pela elite recifense estavam longe de se contrapor, aliando-se em um esforço visível, complementaram-se para reordenar e disciplinar a sociedade em transformação. Foi nesse contexto histórico que surgiu a Pia União das Filhas de Maria, uma associação voltada para educar e direcionar as moças solteiras, da elite local, sob as regras e normas comportamentais da Igreja Católica.

Dessa forma, acreditamos que a Pia União das Filhas de Maria foi aproveitada, pela Igreja Católica, como um instrumento de normatização do gênero feminino. Pois, como vimos, as suas sócias deveriam cumprir diversos deveres e serem exemplos para a sociedade, nesse

sentido, concluímos que ela correspondia de maneira objetiva aos ideais de um catolicismo romanizado tão propagado no início do século passado.

A matéria da revista "Maria", que destacamos nessa análise foi publicada em um exemplar de 1930. Nas páginas desse periódico aparecem, constantemente, artigos que indicam uma série de regras para combater de frente com os "males" da modernidade que, segundo os preceitos católicos, pervertiam os bons costumes das Filhas de Maria. A instituição religiosa atacava em diversas frentes a moda, o comportamento e os costumes de uma sociedade que, para ela, estava pervertendo os bons costumes e o bom proceder das jovens católicas que estavam sendo preparadas para serem as "rainhas dos lares".

Referências

AMARAL, Walter Valdevino do. **Que fizeram "ellas"?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

BOURDIER, Pierre. **Coisa ditas**. São Paulo: Brasilense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

CIPOLINI, Pedro Carlos. A devoção mariana no Brasil. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36-43, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25530135.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

MAIA, Pe. Pedro Américo. **História das Congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MODAS e modos. **Maria**: Revista das Congregações Marianas. Recife, ano 18, n. 5-6, p. 134-135, maio 1930.

SOUZA, Ricardo Luiz. **O poder e o conhecimento**: introdução ao pensamento de Michel Foucault. Salvador: EDUFBA, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.